



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

01 e 02 de abril de 2023

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (01.04 – 07.04.2023)

Capa e Cultura & Comportamento

“Colecionador de SC reúne louças do período imperial”

Colecionador de SC reúne louças do período imperial / André Luiz Rigo / Museu de Arqueologia e Etnologia – Oswaldo Rodrigues Cabral / UFSC

HISTÓRIA
Colecionador de
SC reúne louças do
período imperial
PÁGINAS 12 e 14

COLECIONADOR DE SC REÚNE LOUÇAS DO PERÍODO IMPERIAL

Autor do livro “A mesa do Rei”, catarinense acumula 120 peças que ajudam a contar a história do Brasil. Acervo tem artigos que vão das refeições do imperador Dom Pedro II às do rei Dom João VI

SOFIA MAYER
sofia.dorner@nsc.com.br



Viajamos para a Europa para ir aos museus, e, muitas vezes, nem sabemos que aqui no nosso país também tem isso (objetos do período imperial).

ANDRÉ L. RIGO,
colecionador

André Luiz Rigo guarda em casa, em Videira, no Oeste do Estado, parte da história do Brasil. O pesquisador de 37 anos tem mais de 120 peças de louça do período imperial brasileiro. Há pratos, taças e outros objetos que pertencem a figuras importantes no país, como o imperador Dom Pedro II e o rei Dom João VI, além condes e barões da época.

– Viajamos para a Europa para ir aos museus, e, muitas vezes, nem sabemos que aqui no nosso país também tem isso (objetos do período imperial) – afirma.

Rigo começou a coleção há cerca de oito anos, depois de conhecer o mundo dos leilões. Também advogado e professor universitário, ele é autor do livro “A mesa do Rei”, que fala sobre a história das louças de Dom João VI, e administrador de uma página no Instagram sobre o tema.

– (Na faculdade), a parte que estudava as constituições do império era minha

paixão. Mas tudo sempre foi muito superficial. (...) Depois, quando comecei a ter mais tempo para estudar, passei a me aprofundar e me apaixonar cada vez mais – relata.

Entre as peças que ficam expostas na casa do colecionador e chegam a ser usadas em ocasiões especiais, e as que estão acondicionadas em compartimentos seguros, estão as preferidas do colecionador. De 120 peças, ele escolhe duas para destacar.

Um prato raso do serviço PII Grande, que teria pertencido a Dom Pedro II e foi arrematado em um leilão. Podendo chegar a R\$ 7 mil, o objeto é um dos queridinhos da coleção.

– Ele recebeu de presente de Dom Luiz I, que era o Rei de Portugal, quando foi fazer o primeiro tour internacional dele pela Europa. Esse prato tem um brasão que mistura tanto símbolos portugueses quanto símbolos brasileiros. É um prato muito bonito – explica o colecionador.

Também está na lista dos favoritos, por ser “uma das peças mais antigas”, um pra-

to feito entre 1735 e 1796, que pertenceu a Dom João VI.

DO PALÁCIO PARA OS COLECIONADORES

De acordo com a museóloga Ana Luísa Camargo, do Museu Imperial, peças da família imperial começaram a se disseminar pelo país após a Proclamação da República, com o leilão de arte do Paço de São Cristóvão (veja mais no final da reportagem), ocorrido em 1890. Hoje, há colecionadores de todo o Brasil com serviços – como as coleções de louças eram chamadas – da época.

– Muitos condes, viscondes e barões foram ao leilão e compraram peças – diz a especialista.

Esses homens, após um tempo, passaram a fazer seus próprios leilões – e, assim, sucessivamente. As compras e os compradores, segundo ela, passaram a ser mapeados. Dessa forma, e com ajuda de outros artificios, hoje é possível conferir a legitimidade dos itens comercializados.



Colecionador é autor do livro “A Mesa do Rei”, que fala sobre a história das louças de Dom João VI



FOTOS ARQUIVO PESSOAL

O ACERVO

André Luiz Rigo listou alguns dos itens preferidos comprados por ele. A maior parte foi adquirida através de leilões, embora algumas porcelanas tenham sido garantidas em antiquários. A reportagem encaminhou imagens das peças ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC, que analisou as fotos e atestou a autenticidade do acervo.

1 SERVIÇO DOS PAVÕES, DO REI DOM JOÃO VI

Segundo o colecionador, o prato raso, do serviço "Dos Pavões", foi feito em porcelana chinesa "de altíssima qualidade", entre 1735 e 1796 (peça foi citada acima). Pertenceu a Dom João VI.

– O mais legal, de importância, é com certeza o Prato do Pavões, por ser uma das peças mais antigas. É um prato de mais de 300 anos. Ele tem além da importância dele, ele foi utilizado esse serviço em um dos aniversários do Dom João VI, tem isso em registro de diário – contextualiza.

2 SERVIÇO PII GRANDE, DE DOM PEDRO II

Segundo André Luiz Rigo, o PII Grande era um dos serviços preferidos de Dom Pedro II para "as recepções no Palácio de São Cristóvão", além de ser "um dos mais disputados nos leilões". O colecionador conseguiu arrematar um prato da coleção e, hoje, a peça é também uma das preferidas dele.

Exemplares desse serviço, ele afirma, fazem parte do acervo do Museu Imperial, em Petrópolis (RJ), e do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (RJ), além de diversas outras instituições nacionais e internacionais.

3 CONDE DE IRAJÁ

Outro item que Rigo exhibe com orgulho é um prato raso, em porcelana francesa, que teria pertencido Manoel do Monte Rodrigues de Araújo, o Conde de Irajá.

– A obra é recortada e delimitada por friso em pó de ouro e decorada com o monograma 'CI' entrelaçado – explica.

Formado em teologia, Manoel atuou como padre e foi nomeado bispo após se mudar para o Rio de Janeiro, de acordo com o colecionador e pesquisador.

4 SERVIÇO "DE CAÇA", DE DOM PEDRO II

Rigo tem em casa também uma porcelana francesa do serviço 'de Caça', que teria pertencido a Dom Pedro II. A estimativa é que a coleção tenha 568 itens.

– O conjunto teria sido oferecido ao Imperador Dom Pedro II por Napoleão III, Imperador da França, em data estimada entre 1852 e 1870. Também há registro de que constaria do lote 838, de leilão do Palácio de São Cristóvão – informa.

5 CREMEIRA DO SERVIÇO "DOS OFICIAIS", DA PRINCESA ISABEL

Com "esmaltação branca, sem detalhes", o colecionador guarda em casa também uma cremeira que teria sido da princesa Isabel, filha mais velha do imperador Dom Pedro II.

– O serviço completo era do uso do Palácio de Fontainebleau, um dos maiores palácios reais franceses. Veio para o Brasil após o falecimento do rei Luís Filipe I, herdado pelo neto, o conde 'Eu', esposo da princesa imperial Dona Isabel – conta Rigo.



1



2



3



4



5

Autenticidade das peças

Procurado pela reportagem, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) informou que a peritagem e verificação da autenticidade das louças do período imperial é desempenhada "pelo próprio mercado de obras de artes e antiguidades, para a qual muitas vezes são necessários equipes multidisciplinares sob coordenação de profissionais especializados e equipamentos laboratoriais diversos". Não há, segundo o instituto, um órgão público que realize o serviço, "ou que tenha tais atribuições legais".

Renato dos Santos, proprietário de uma casa de leilão destinada a obras que pertenceram à nobreza brasileira do século XIX, destaca que as peças de porcelana são todas catalogadas com seus respectivos ex-proprietários.

– Fora isso, uma coisa que a gente procura em relação às peças é estabelecer uma rastreabilidade, ou seja, qual caminho essa peça percorreu até os dias de hoje. [...] Esse não é um caminho muito fácil, e é uma coisa tortuosa às vezes de se fazer – explica.

A museóloga Ana Luísa Camargo explica que uma alternativa fazer a identificação através de análise dos monogramas (iniciais do proprietário) gravados nas peças.

– Às vezes, os itens também são identificados pelo que eles apresentam. Por exemplo, nós temos oito xícaras aqui, e elas têm uma coroinha pequena de Dom Pedro II na frente da coroa. É conhecido como serviço Das Coroinhas – explica.

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (01.04 – 07.04.2023)

Jefferson Saavedra

“EXPANSÃO NA ZONA SUL”

Expansão na zona sul / Área de Expansão Urbana / AEU Sul / Joinville / Campus da UFSC

EXPANSÃO NA ZONA SUL

De volta ao Conselho da Cidade, a proposta de regulamentação da área de expansão urbana (AEU) Sul poderá motivar a maior ocupação de setor rural na zona Sul de Joinville. Possível desde a vigência a Lei de Ordenamento Territorial de 2017, a minuta da AEU Sul chegou a ser analisada em 2018 pelo conselho da cidade, mas a prefeitura preferiu retirar a proposta após questionamentos.

A área tem 2,6 mil hectares (nenhuma das outras duas AEU já regulamentadas passam de 100 hectares) e foi prevista para parque tecnológico, campus da UFSC (as obras estão paradas há dez anos) e investimentos em logística.

PROPOSTA ORIGINAL

Na primeira versão, havia a estimativa de que até 20 mil pessoas poderiam trabalhar ou morar na região da AEU Sul, cortada pela BR-101 e junto aos limites com Araquari e Guaramirim. O espaço já conta com atividades econômicas, permitidas por meio de legislações anteriores. Na minuta de 2018, a sugestão era de divisão em setores, com diferentes possibilidades de usos.

As moradias só seriam permitidas em setor especial de apoio universitário. Após a análise pelo Conselho da Cidade, a proposta da área de expansão terá de passar pela Câmara de Vereadores.

Notícias do Dia

Memória

“Projetos pretendem retirar músicos de Santa Catarina do ostracismo”

Projetos pretendem retirar músicos de Santa Catarina do ostracismo / Projeto “O Som da Ilha – Época de Ouro” / Cláudia Barbosa / Cláudio Alvim Barbosa / Zininho / Zeca Pires / Professora / Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira / Curso de Biblioteconomia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Projetos pretendem retirar músicos de *Santa Catarina do ostracismo*

Iniciativas pessoais e coletivas se debruçam sobre a obra de homens e mulheres que fizeram a história musical do Estado, mas que estão relegados quase ao esquecimento do grande público que os desconhecem

Paulo Clóvis Schmitz
Especial para o ND

Não há dúvida de que Florianópolis é uma cidade musical. A natureza exuberante é um convite à poesia e à gestação de canções dos mais distintos gêneros e estilos. O problema é que essa cidade costuma esquecer os grandes compositores que teve e não se esforça para mostrar às novas gerações o legado deixado por eles. Dá para contar nos dedos quem luta contra a corrente – em geral, gente que traz nas veias a marca do talento de familiares que cantaram em prosa e verso as peculiaridades locais. Não por acaso, a cantora Cláudia Barbosa, filha de Cláudio Alvim Barbosa, o Zininho, e o cineasta Zeca Pires, filho de Anibal Nunes Pires, estão nessa lista.

Um projeto que vai ajudar a tirar gente boa do limbo está em vias de ser viabilizado. Dividido em seis episódios, “O Som da Ilha – Época de Ouro” vai abordar, em forma de documentário, a vida e obra de Neide Mariarrosa, Zininho, Abelardo Souza, Luiz Henrique Rosa, Gentil do Orocongo e José Cardoso, o maestro Zequinha. Só feras, para começar, porque o rol de geniais compositores de Florianópolis é interminável. E esses grandes nomes da música serão tema do trabalho de seis cineastas igualmente respeitáveis – Maria Emilia de Azevedo, Zeca Pires, Eduardo Paredes, Isabela Hoffmann, Iur Gomez e Antônio Celso dos Santos.

Cada um dos homenageados – alguns deles mais cantores e instrumentistas do que compositores, como Neide e Gentil do Orocongo – daria um filme de longa-metragem, um livro, uma série com muitos capítulos. Luiz Henrique Rosa (1938–1985) foi um nome importante da bossa nova e tocou com mestres do gênero nos Estados Unidos, na década de 1960. Neide Mariarrosa (1936–1994) chegou a morar no Rio de Janeiro, levada por Elizabeth Cardoso, mas sucumbiu à saúde da terra e retornou a Santa Catarina quando todos



Cláudio Alvim Barbosa, o Zininho (à dir.), em um piano bar da Capital na década de 1980, local frequentado por artistas locais

apostavam numa brilhante carreira de projeção nacional.

De Zininho (1929–1996), tudo o que se falar é pouco. Autor de “Rancho de amor à Ilha”, hino de Florianópolis, ele deixou centenas de composições brejeiras, sambas-canções e marchinhas que encantam pela singeleza e criatividade. Cláudia Barbosa era criança e já frequentava os estúdios das rádios Guarujá e Diário da Manhã, onde o pai se movimentava com desenvoltura, como técnico de som, sem deixar de criar, cantar e encantar os amigos com seu jeito de maneirinho nascido na localidade de Três Riachos, interior de Biguaçu.

GUARDADOS

Zininho teve outro grande mérito: guardou muita coisa importante, gravações próprias e de outros artistas, programas radiofônicos inteiros e novelas de rádio, além de equipamentos como gravadores e microfones, que a família doou para a Casa da Memória de Florianópolis. “Meu pai tinha paixão pela música, mas também pelos amigos”, diz a filha Cláudia. Por isso, preservou para a posteridade também o que não era de sua autoria.

Criadores de instrumentos e poetas da melodia catarinense

Gentil Nascimento (1945–2009) foi uma figura ímpar na cultura de Florianópolis. Um dos poucos artistas do Brasil e confeccionar e tocar o orocongo, espécie de violino monocórdio com raízes africanas. Ele descia do maciço do Morro da Cruz para fazer das ruas o seu palco – e ganhou projeção e respeito com isso. Autodidata, não deixou herdeiros no culto ao instrumento, razão pela qual o resgate de sua herança é fundamental para a própria história da cidade. Seu traba-

lho chegou a ser apresentado em São Paulo e aparece na abertura da faixa-título do disco “You botar meu boi na rua”, do grupo Engenho.

Abelardo Souza (1920–1986) tinha a música no DNA, como neto de José Brazílio de Souza, autor do Hino de Santa Catarina (que teve letra de Horácio Nunes Pires). Foi pianista, compositor, maestro, escritor, jornalista e professor. Obras suas estão no disco “Memória musical catarinense”, da Camerata Florianópolis. Deixou hinos, melodias

populares, temas para concertos e canções para coros orfeônicos.

O Regional do Zequinha fez muitos shows na cidade e no Estado, mas o maestro José Cardoso também compôs chorinhos, tomando-se referência no gênero aqui e fora de Santa Catarina. Exímio violonista, encerrou a carreira como solista de sua banda, uma das mais requisitadas da Grande Florianópolis. Criou a revista “O Rádio Catarinense” e também dedicou parte da vida à docência.



Escultura feita pelo artista plástico Plínio Verani retrata o compositor Zininho



Neide Mariarrosa foi levada ao Rio de Janeiro por Elizeth Cardozo, mas ficou pouco tempo

Quase esquecidos, muitos compositores aguardam pelo resgate

Se “O Som da Ilha – Época de Ouro” pretende ser uma antologia documental de personalidades que viveram e cantaram em Florianópolis, deixando uma contribuição para a memória cultural da cidade, o que ainda há por fazer por estes e outros artistas é um desafio que só um grande projeto – de longo prazo e com apoios institucionais – poderia encarar.

Cláudia Barbosa desenvolve, em parceria com a professora Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira, do curso de Biblioteconomia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e seus alunos, o projeto de um repositório das obras de Zininho, que deixou recortes de jornais, CDs, fitas K7 e rolos de gravações que ajudam a contar a história do rádio e da música na Capital.

Mas ela sabe que há incontáveis artistas que caíram no esquecimento, injustamente, na cidade. Por isso, para o futuro há a ideia de fazer documentários sobre nomes como Aldo Gonzaga, Nelson Wagner (grupo Couro e Corda), Osvaldo Ferreira de Mello, Nabor Ferreira, Waldiz Brazil e figuras mais recentes, como André Calibrina, Maurício Muniz (grupo Engenho), Daniel Lucena (Expresso Rural) e Zuvaldo Ribeiro.

Cada um a seu modo, e em gêneros distintos, esses músicos fizeram um trabalho de alta qualidade. Zuvaldo Ribeiro chegou

a esboçar uma carreira nacional, mas morreu sem deixar um disco gravado, permanecendo na memória de seus contemporâneos como um artista diferenciado, talentoso e criativo, autor de canções como “Apenas doce” (com a qual venceu uma edição do Prêmio Zininho de Música Popular, nos anos 80) e “Menininha” (que chegou a ser apresentada em um programa de rede nacional de televisão e foi muito tocada em rádios).

Osvaldo Ferreira de Mello foi professor universitário, jurista, historiador e compositor. Deixou 14 livros publicados e, na música, compôs “Florianópolis”, ainda executada por artistas instrumentais, e “Itaguaçu”, gravada por Elza Soares.

DATILOGRAFIAS

A lista de compositores de Florianópolis à espera de um resgate vai além, mas nem todos deixaram registros significativos – no máximo, letras datilografadas e gravações em meios precários e de baixa qualidade sonora. Os espaços para tocar também diminuíram, e o que resta são bares que abrigam músicos de samba e chorinho. A pandemia de covid-19 dispersou ainda mais os artistas, e muitos deles tiveram que vender instrumentos para sobreviver. “Nossa cidade é inspiradora, mas falta uma política para tirar os talentos do ostracismo”, diz Cláudia Barbosa, que vez fazendo a sua parte.

E AINDA HÁ MAIS

✓ O projeto “O Som da Ilha – Época de Ouro” tem a coordenação geral de Zeca Pires, coordenação de pesquisa de Cláudia Barbosa, produção de Maria Emilia de Azevedo, produção musical de Fran Lima, coordenação de roteiro de Marcelo Esteves, design de Jorge Canto e consultoria musical de Antônio Carlos Miguel (jornalista especializado em música com passagem pelos principais veículos de imprensa do país).

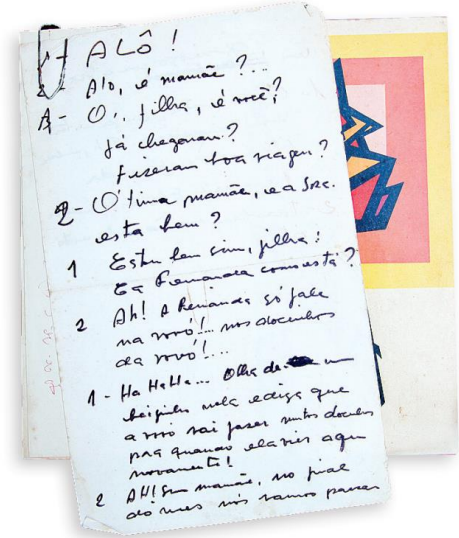
✓ Na apresentação do projeto, os proponentes afirmam que, “através da biografia dos personagens, a narrativa permite revelar antigos espaços culturais da Capital, como a porção leste do Centro da cidade, que concentrou um considerável número de cinemas, teatros, rádios, clubes e bares de hotéis por onde inevitavelmente todos esses personagens acabaram por transitar”.

✓ Cláudia Barbosa ressalta que há muitos músicos realizando um bom trabalho atualmente na Ilha de Santa Catarina e cita alguns deles: Dandara Manoela, Reizinho do Violão, Neco, Alisson Mota, Denise de Castro, Iara Germer, Gilson Duarte, Beto Mondadori, Tatianna Cobbett e Waldir Agostinho.

✓ Outro projeto de Cláudia é colocar o disco “Eu sou assim”, de Neide Mariarrosa, no Spotify. Seria uma maneira de tornar mais popular o trabalho de uma grande intérprete catarinense.

✓ Em 2009, Liza Minnelli lançou a coletânea “Liza A&M the complete A&M Recordings”, com sucessos de sua carreira, e incluiu três canções de Luiz Henrique Rosa, gravadas pelos dois na década de 1960 em Nova York.

✓ Durante a pandemia, foi criado pelo violonista Guinha Ramires o SOS Músicos, uma iniciativa destinada a socorrer artistas em má situação financeira após perderem emprego e espaços para tocar. Centenas de festas básicas foram distribuídas em Florianópolis e região, mas ainda há gente tentando voltar ao estágio pré-pandemia.



Anotações de Zininho são guardadas pelo filha Cláudia Barbosa



Cláudia Barbosa desenvolve um projeto de repositório da obra deixada pelo pai Zininho

Notícias do Dia

Fabio Gadotti

“HOMENAGEM”

Homenagem / Centro de Integração Empresa-Escola / Diploma de Membro
Honorário do CIEE/SC / Aldo Brito / Professor aposentado / UFSC



HOMENAGEM – O professor aposentado da UFSC, Aldo Brito, 91 anos, foi homenageado na sexta-feira (31) pelo Centro de Integração Empresa-Escola, entidade que ajudou a fundar no Estado. Aldo recebeu o Diploma de Membro Honorário do CIEE/SC. A homenagem foi durante a apresentação dos resultados de 2022. Em Santa Catarina, foram atendidos 22 mil jovens e adolescentes no ano passado.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

01/04/2023

[Após 'boom' de diarreia, UFSC encontra vírus que causou surto na universidade; entenda](#)

[Araranguá: Pedágio da Rede Feminina é sucesso](#)

[ChatGPT falha no Carnaval! Sistema de inteligência artificial comete erros graves ao citar sambas-enredos e desfiles](#)

[Dois vídeos sobre a sordidez de caráter de Lula: A personificação do farsante \(veja o vídeo\)](#)

[“Em 2022, a atuação da fiscalização no estado resultou em mais de 20 mil novos contratos de trabalho”](#)

[Fiscalização em SC resultou em mais de 20 mil novos contratos de trabalho, diz presidente do Crea](#)

[Governador participa de evento da comunidade luxemburguesa em Santa Catarina](#)

[Ministro Gilmar Mendes reconhece suspeição de juíza do ‘caso Cancellier’](#)

[Saiba quem são os cotados para a vaga de Lewandowski no STF](#)

[UFSC identifica a origem do surto de diarreia e vômitos no começo do mês](#)

[Unifor oferece cursos remotos para profissionais de Engenharia e Arquitetura](#)

[Unoesc participa do Fórum em Defesa das Universidades Comunitárias realizado na Alesc](#)

02/04/2023

[A hora de tirar os grandes músicos do ostracismo em Florianópolis](#)

[Colégio Agrícola que se transformou em Instituto Federal Catarinense comemora 70 anos de fundação](#)

[Estudantes lotam Alesc para Fórum Parlamentar em Defesa das Comunitárias](#)

[Florianópolis vai sediar Festival Paralímpico Brasileiro em 2023](#)

[Governador participa de evento da comunidade luxemburguesa em Santa Catarina](#)

[Médico e professor Odilson Borini morre em Florianópolis](#)

[Projeto de mediações de literatura infantil circula por escolas de Blumenau, Gaspar, Timbó e Vidal Ramos até junho deste ano](#)

[Saiba quem são os cotados para a vaga de Lewandowski no STF](#)